

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**DIANDRA CORRÊA RIBEIRO**

**ALFABETIZAR E LETRAR: CONCEPÇÕES DE PAIS E  
PROFESSORES**

**CRICIUMA, JULHO DE 2010.**

**DIANDRA CORRÊA RIBEIRO**

**ALFABETIZAR E LETRAR:  
CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Graduada no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.Sc.Maria Valkiria Zanette

**CRICIUMA, JULHO DE 2010.**

**DIANDRA CORRÊA RIBEIRO**

**ALFABETIZAR E LETRAR:  
CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Graduação, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Teoria e Prática Pedagógica.

Criciúma, 06 de julho de 2010.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Maria Valkíria Zanette - Mestre - (UNESC) – Orientadora

Prof. Mirozete Iolanda Volpato Hanoffl - Especialista - (UNESC)

Prof. Gislene Camargo Dassoler - Especialista - (UNESC)

**Dedico este trabalho aos meus pais, pessoas inigualáveis em minha vida, por depositarem confiança em mim em todos os momentos desta caminhada, motivando-me a seguir em frente com determinação.**

## **AGRADECIMENTO**

**Meus agradecimentos são em primeiro lugar a Deus, luz que guia com sabedoria em todos os momentos; também aos meus amigos e familiares que estiveram ao meu lado durante este período me apoiando quando necessário; e a minha orientadora Maria Valkíria, que sempre atenciosa e paciente colaborou significativamente na elaboração de meu trabalho. Muito obrigada!**

**“Eu gostaria de uma escola onde as crianças não tivessem que saltar as alegrias da infância, apressando-se, em fatos e pensamentos, rumo a idade adulta, mas onde pudessem apreciar, em sua especificidade, os diferentes momentos de suas idades.”**

**Snyders**

## RESUMO

Esta pesquisa busca investigar a concepção das mães e professores, sobre como vem ocorrendo a alfabetização e o letramento na Educação Infantil para crianças de 4 e 5 anos, procurando também compreender a função desta etapa educativa, as expectativas dos pais e o trabalho pedagógico dos professores. A elaboração do referencial fundamentou-se em vários autores que discutem o tema em questão, alguns deles são: ÀRIES (1981) KRAMER (1982), SANTA CATARINA (2005), KLEIMAN (1995), CAGLIARI (1998), CARVALHO (2005), SOARES (2003), entre outros. A pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram questionários e depoimentos, envolvendo duas professoras e quatro mães, da rede privada e municipal. As análises comparativas realizadas entre as informações coletadas e o referencial teórico, apontaram que as professoras pesquisadas ainda têm pouco conhecimento em relação ao letramento. Essa constatação pode estar interferindo em sua prática, pois afirmam não encontrar nenhuma dificuldade em desenvolver esse processo junto às crianças. Quanto à expectativa das mães é de que seus filhos aprendam o que a professora acredita ser adequado. Poucos afirmam ser importante alfabetizar neste momento e também, demonstram desconhecer o significado do letramento.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Alfabetização. Letramento. Mães. Professoras.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ECA – Estatuto da criança e do adolescente



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DA INFÂNCIA E SEU ATENDIMENTO .....</b>	<b>12</b>
<b>3 FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 Eixos norteadores da Educação Infantil .....</b>	<b>21</b>
<b>4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1 Estágios da evolução da Escrita, segundo Ferreiro e Teberosky. ....</b>	<b>28</b>
<b>5 A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA.....</b>	<b>31</b>
<b>6 METODOLOGIA .....</b>	<b>34</b>
<b>7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>36</b>
<b>7.1 Alfabetizar e letrar na visão das professoras .....</b>	<b>36</b>
<b>7.2 Alfabetizar e letrar na visão dos Pais/Mães ou Responsáveis.....</b>	<b>43</b>
<b>8 CONCLUSÃO .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, em que as sociedades do mundo inteiro, estão cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É necessário ir além da simples aquisição do código escrito, fazendo uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se.

Este é um desafio para o professor atual que deve saber como adequar suas metodologias e práticas, considerando os conhecimentos prévios e historicamente construídos pela criança, para possibilitar esta leitura de mundo. Com a mudança do ensino fundamental para nove anos, surgiram muitas dúvidas nos pais e professores com relação ao que pode ou não ser ensinado na pré-escola e como acontecem essas aprendizagens. O ensino tradicional e as exigências da sociedade atual, também são fatores pelos quais muitos acreditam que quanto mais cedo às crianças aprenderem a ler e escrever, melhor será para o seu futuro de estudante e profissional.

Desde que iniciei minha trajetória enquanto docente na Educação Infantil, mais especificamente com a turma de pré-escolar, a questão alfabetização e letramento é um tema que tem me interessado, ao mesmo tempo, provocado muitos questionamentos acerca de sua abordagem e direcionamento no contexto de minha prática profissional.

Tratando-se da Educação Infantil em suas bases, ela possui especificidades próprias e complexas que a caracterizam, e não podem ser entendidas apenas como etapa prévia e preparatória para o Ensino Fundamental ou período em que a criança deve ser assistida para possibilitar a entrada ou permanência dos pais no mercado de trabalho. Sendo assim, o trabalho pedagógico na Educação Infantil tem função cultural e social muito importante na vida das crianças, implicando funções fundamentais sobre 'o cuidar e o educar' como ações indissociáveis entre si. Portanto, este é um espaço de relações sociais e interação entre os sujeitos, permeado de linguagens, conceitos e interesses. É imprescindível que façam parte da rotina da Educação Infantil situações que promovam a interação com o outro utilizando diversas linguagens.

No processo de letramento as crianças devem interagir com diversos tipos de leitura e de escrita ampliando seus conhecimentos de forma global e fazendo uso de sua função social. Para isso, torna-se necessário que o currículo desta etapa seja repleto de conversas, discussões, narrativas e gêneros textuais. Pois as crianças ouvem, balbuciam, expressam-se oralmente, arriscam letras, interpretam imagens, fazendo uso e dando sentido ao que vêem no mundo letrado.

A partir do tema “Alfabetizar e letrar: concepções de pais e professores” busca-se investigar qual a visão dos pais e professores quanto a alfabetização e o letramento na Educação Infantil para as crianças de 4 e 5 anos. Dentro desta perspectiva, o objetivo geral da pesquisa é compreender qual a visão que professoras e mães têm sobre o processo de alfabetizar e letrar, na Educação Infantil. Também traz como objetivos específicos perceber a opinião das mães sobre o que deve ser ensinado para as crianças da faixa etária estabelecida, identificar como as professoras entendem a alfabetização e o letramento nesta etapa, assim como, verificar quais as expectativas das mães quanto à aprendizagem das crianças. As questões que nortearam esta pesquisa são Qual a concepção dos pais e professores sobre a Educação Infantil para crianças de 4 e 5 anos? Como as professoras entendem a alfabetização e o letramento na Educação Infantil? Nas turmas da faixa etária de 4 e 5 anos da Educação Infantil são utilizadas metodologias que privilegiam alfabetização e/ou letramento? Quais as expectativas dos pais quanto a aprendizagem de seus filhos?

Pesquisas sobre o papel Educação Infantil, na visão de mães e professores, são essenciais, no sentido de se compreender sua especificidade e não confundi-la com as outras etapas da educação, a fim de melhor entender sua função social e cultural para a formação do ser humano.

Analisando as produções existentes no banco de trabalhos científicos produzidos pelo curso de Pedagogia da Unesc, foi possível observar a existência de pesquisas relacionadas à alfabetização e ao letramento na Educação Infantil, que são as seguintes: Alfabetização e letramento: uma reflexão na educação infantil (2003), Letramento ou alfabetização: saberes e fazeres de professoras da Educação Infantil (2009). Pode-se perceber que a que se aproxima do meu propósito de investigação, é a última pesquisa citada, porém foi realizada no município de Criciúma e seu o foco está voltado às práticas das professoras dos anos finais da Educação Infantil, não considerando as expectativas e concepções das mães a

cerca do assunto. Portanto, esta pesquisa se diferenciou na metodologia utilizada, como também, nos locais de realização da mesma e nos sujeitos envolvidos.

Este trabalho está organizado em oito capítulos, no referencial teórico discutimos desde as Características Históricas da Infância e seu Atendimento, Função social da Educação Infantil, Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e a Relação da Família com a escola. Possibilitando uma compreensão desde o surgimento das concepções de infância e instituições infantis até as características atuais, assim como, a conceituação de alfabetização e letramento na Educação Infantil e a importância da relação família X escola no desenvolvimento da criança.

## 2 CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DA INFÂNCIA E SEU ATENDIMENTO

A infância é algo que está em constante transformação e para que se consiga compreender melhor suas características é necessário um resgate histórico. Existem vários conceitos de infância que perpassaram e prevaleceram em determinadas épocas e contextos sociais, porém continuam em permanente construção, pois se modificam e são modificados de acordo com a organização e desenvolvimento da sociedade humana. Desse modo, “trabalhar a concepção de infância em uma perspectiva histórica demanda compreendê-la como fruto das relações sociais de produção que engendram as diversas formas de ver a criança e produzem a particularidade infantil.” (SANTA CATARINA, 2005, p.19)

Áries (1981) demonstra que a concepção de desenvolvimento humano, no século XI estava relacionada às ações exercidas pelos homens na sociedade. As crianças deveriam exercer os mesmos papéis dos adultos, participavam das mesmas festas e desempenhavam as mesmas funções que os pais. Eram vistas como “adultos em miniatura”, ou como “bibelôs”. A arte medieval tentava escondê-las, ficando claro nas obras dos artistas da época. Portanto, em uma das pinturas que retrata a cultura dessa época,

O tema é a cena do Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas, sendo o texto latino claro: *parvuli*. Ora, o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. (ÁRIES, 1981, p. 51)

Estas características representam o conceito de infância que prevalecia, ou melhor, que não existia na visão sócio-cultural da época. Tratava-se de um período transitório, sem nenhuma valorização e nem caracterização específica. Inicialmente as vestimentas das crianças eram faixas de tecidos chamadas cueiros, algumas também usavam vestidos e aventais. Quando deixavam de vestir estas roupas logo começavam se vestir como adultos. Havia uma diferenciação apenas com relação à hierarquia social. Ainda de acordo com Áries (1981, p. 61), “uma outra representação da criança desconhecida na Idade Média é o *putto*, a criancinha nua”, que surgiu para reviver o modelo helenístico e tornou-se a “febre” dos artistas da época.

Teve um tempo em que a taxa de mortalidade infantil era muito alta, quando as crianças vinham a morrer os pais não manifestavam sentimento de perda ou tristeza, aceitando normalmente o fato.

[...] a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; [...] não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática. (ÁRIES, 1981, p. 56)

Sendo assim, as mães dessa época já faziam muitos filhos com a idéia de que poucos sobreviveriam diante da precariedade de recursos. Estes fatos se repetiram por bastante tempo. No entanto, a visão da infância vem se construindo desde esta época, de acordo com as modificações sociais e culturais. Kramer (1982, p. 18), enfatiza este aspecto quando diz que:

[...] a idéia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece na sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo direto (de adulto) assim que ultrapassava o período da alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para a atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade.

A partir destas modificações começa-se a ter um novo olhar para a criança, de forma individualizada, surgindo o sentimento de infância, que corresponde à consciência da particularidade infantil, ou seja, as características próprias que a diferenciam do adulto.

Áries (1981) destaca também, dois tipos de sentimentos que acompanharam a evolução do conceito de infância: o de “paparicação”, que surgiu no ambiente familiar com crianças menores, vistas como dependentes dos adultos e com necessidades de proteção, e o sentimento de “moralização”, nascido da necessidade de preservar e disciplinar as crianças. Primeiramente estes sentimentos foram assumidos pela burguesia e aos poucos foram sendo impostos à sociedade em geral. O resultado destes dois sentimentos está relacionado com a visão de que seria necessário preservar a inocência, proteger e fortalecer as crianças contra as corrupções do meio, impondo a elas características ideais e abstratas, voltadas para o perfil da criança burguesa. Portanto, a concepção de criança vivida nesse

momento é imposta pela sociedade capitalista e está diretamente ligada ao antigo modelo burguês.

Apesar de existir um novo modelo familiar, onde as diferenças de idades são respeitadas, os sentimentos de infância citados por Áries (1981), ainda estão presentes no comportamento dos adultos, tanto com relação à proteção, como também com a imposição de ensinamentos. Na atualidade, esse conceito perpassa pela via da contextualização, da heterogeneidade e da consideração das diferentes formas de inserção da criança na realidade, no mundo adulto, nas atividades cotidianas, nas brincadeiras e tarefas diárias. Projeta-se, pois um novo conceito de infância não podendo ser padronizado e sim reinventado todo momento, suprimindo as necessidades de cada criança inserida em contextos sócio-culturais diversos.

Por muito tempo, o cuidado e a educação das crianças estiveram sob a responsabilidade exclusivamente da família, ou mais precisamente, da mãe-mulher. A transformação em adulto era direta, começando pela sua inserção no ambiente doméstico. A visão de família como matriz educativa preferencial, significava que a criança era mais bem cuidada e educada junto aos pais, fato esse evidenciado nos nomes das primeiras instituições de guarda e educação da primeira infância. Por isso, Oliveira (2005) nos traz que: “O termo francês *crèche* equivale à manjedoura, presépio. O termo italiano *asilo nido* indica ninho que abriga.” (OLIVEIRA, 2005, p. 58). Nesse contexto, surgiu também o termo “Escola Materna” para o atendimento a crianças fora da família.

Na Idade Média e Moderna, conforme Oliveira (2005), são criadas as “rodas” que eram locais reservados para acolher crianças sem a identificação de quem as trazia, normalmente pelos hospitais ou igrejas. Para tanto, “A responsabilidade por esse recolhimento ficava a cargo de entidades religiosas, que procuravam fazer com que os rejeitados fossem conduzidos a um ofício, quando crescessem.” (OLIVEIRA, 2005, p. 59)

Foi a partir dessa época que as idéias de pobreza, abandono, culpa e caridade começaram a enraizar-se, fazendo com que as pessoas tivessem uma visão negativa do atendimento às crianças fora da família, o que reflete ainda, nos dias de hoje. Um exemplo disto é quando as pessoas colocam a imagem de “coitadinho” nas crianças que ficam em creches ou escolas de Educação Infantil em período integral, como se fossem abandonadas ou não valorizadas pelas famílias.

Com o desenvolvimento científico, a expansão comercial e o

Renascimento, começaram a aparecer novas idéias em relação à educação das crianças. Neste sentido, “[...] surgiram arranjos mais formais para o atendimento de crianças fora da família em instituições de caráter filantrópico [...]”. (OLIVEIRA, 2005, p. 60). Nessas instituições o ensino religioso estava presente, pois tinha a concepção de que a criança nascia do pecado e a família ou a sociedade deveriam corrigi-la desde pequena, essa correção se fazia através do cristianismo. Nas “escolas de tricô” as crianças aprendiam a tricotar e ler a Bíblia. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, surgiram os “asilos” para atender crianças acima de 3 anos. E de acordo com Oliveira (2005, p. 61), também a idéia de que o básico “[...] para os filhos dos operários era o ensino da obediência, da moralidade, da devoção e do valor do trabalho [...].”

Assim, a partir dos séculos XVIII e XIX percebeu-se o papel da educação para o desenvolvimento social, esboçado por meio de novas propostas educacionais:

Autores como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel e Montessori, entre outros, estabeleceram as bases para um sistema de ensino mais centrado na criança. [...] Embora com ênfases diferentes entre si, as propostas de ensino desses autores reconheciam que as crianças tinham necessidades próprias e características diversas das dos adultos, como o interesse pela exploração de objetos e pelo jogo. (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

Educar crianças de 0 a 6 anos, já era proposto por Comênio, afirmando que o ensino iniciava pelo colo da mãe. Depois elaborou um plano de escola, recomendando o uso de materiais pedagógicos, exploração do brincar e atividades diferenciadas de acordo com a idade da criança, contribuindo para o desenvolvimento de aprendizagens abstratas e da comunicação oral. Em 1657, criou a idéia de “Jardim-de-infância” para o lugar da educação de crianças pequenas, e este seria o lugar onde “árvorezinhas seriam regadas”.

Jean Jacques Rosseau (1712-1778 apud. OLIVEIRA, 2005) apresentou uma proposta pedagógica de combate ao preconceito e autoritarismo. Para ele a mãe é a educadora natural e a infância tem valor em si mesmo. “Defendia uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis e enfatizasse não o que a criança tem permissão para saber, mas o que é capaz de saber” (OLIVEIRA, 2005, p. 65). Destacava também, a importância da emoção, a curiosidade e a liberdade infantil, além de acreditar que a



aprendizagem e o desenvolvimento da criança não se faziam a partir da repressão e imposição de idéias, mas devia-se deixar que ela expressasse sua opinião e formulasse suas idéias naturalmente.

Froebel (1782-1852 apud OLIVEIRA, 2005, p. 68) enfatizava em sua proposta educacional, atividades de cooperação e jogo. No entanto, “[...] partia também da intuição e da idéia da espontaneidade infantil, preconizando uma auto-educação da criança pelo jogo, por suas vantagens intelectuais e morais, além de seu valor no desenvolvimento físico.” Deviam estar presentes na educação as canções, a criação de brinquedos, as poesias e o cultivo a horta.

Na visão desse pensador, é importante trabalhar com instrumentos pedagógicos que possibilitem a ação da criança, a expressão de suas idéias e instiguem sua curiosidade para que avance em seus conhecimentos.

Essa liberdade que era atribuída às crianças foi vista como ameaçadora para a política alemã e o autoritarismo acabou fechando os jardins-de-infância, mas os modelos pedagógicos desses autores influenciaram nas escolas e instituições de atendimento às crianças em diversos outros países.

Conforme Oliveira (2005), no Brasil até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas fora da família praticamente não existia. Só após a abolição da escravatura e proclamação da República começaram a surgir algumas entidades de amparo a crianças. No Rio de Janeiro e São Paulo foram criados os primeiros jardins-de-infância particulares e, alguns anos depois surgiram também os jardins-de-infância públicos influenciados pela visão pedagógica existente. Em seguida, surgem posições que refletem na Educação Infantil até hoje, com características de assistencialismo ou educação compensatória, destinadas aos desfavorecidos socialmente.

[...] ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro, o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, no qual foram discutidos temas como a educação moral e higiênica e o aprimoramento da raça, com ênfase no papel da mulher como cuidadora. Neste contexto surgiram as primeiras regulamentações do atendimento de crianças pequenas em escolas maternas e jardins-de-infância.(OLIVEIRA, 2005, p. 97)

Essas transformações nas escolas brasileiras colocavam a educação para o centro do debate das políticas nacionais. As intervenções propostas nesta época fazem parte da luta cultural historicamente elaborada. Neste sentido, “[...] alguns

educadores brasileiros de vanguarda, como Mário de Andrade, em São Paulo, propunham a disseminação de praças de jogos nas cidades [...] Essas praças deram origem aos parques infantis construídos em várias cidades brasileiras.” (OLIVEIRA, 2005, p. 98)

As renovações pedagógicas dessa época estavam voltadas às crianças da classe alta e mesmo com os novos jardins-de-infância e cursos de aperfeiçoamento de professores, as camadas populares continuaram excluídas. As instituições que existiam para proteção da criança eram dominadas pelo higienismo e a filantropia. Estas eram, “entendidas como “mal necessário” e as creches eram planejadas como instituições de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com a higiene do ambiente físico.” (OLIVEIRA, 2005, p.100)

Nesse sentido, Craidy e Kaercher (2001), escrevem que o surgimento das pré-escolas aconteceu a partir da revolução industrial, por conta da inserção da mulher no mercado de trabalho, que não tendo onde deixar seus filhos, para trabalhar, matriculava-os nas creches e pré-escolas. No entanto, estas instituições tinham caráter assistencialista, onde o cuidar era voltado apenas para higiene pessoal, sono e alimentação. A educação tinha como objetivos principais - disciplinar e corrigir. Eram concepções totalmente marcadas pelo preconceito e exclusão, tanto que as crianças chamadas de “excepcionais” eram consideradas incapazes de conviver com as crianças ditas “normais”.

Segundo Oliveira (2005, p. 111) essa visão persistiu por muito tempo, pois “em 1972 já havia 460 mil matrículas nas pré-escolas em todo o país. No entanto, o descrédito da educação pré-escolar enquanto política educacional com maior impacto continuou perdurando.” O aumento da quantidade da participação da mulher no mercado de trabalho, fez com que as creches e parques infantis fossem procurados também por essas trabalhadoras do comércio ou funcionárias públicas, além das operárias e empregadas domésticas. Contudo, a idéia de a creche ser um equipamento social de assistência à criança carente, continuava sendo um local onde recebiam apenas alimentação, cuidados com a higiene pessoal e bem estar.

Com o tempo, nas creches das redes particulares, surge a preocupação, também com a educação das crianças da classe média, uma vez que as mães começam a entrar para o mercado de trabalho. Para o atendimento a ser dado a essas crianças foram criadas novas propostas como: “[...] A defesa de um padrão

educativo voltado para os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança pequena”. (OLIVEIRA, 2005, p. 109) Começa-se também a dar destaque à criatividade e à sociabilidade nessas escolas, deixando de ser apenas assistencialista ou compensatória.

De modo geral, de acordo com Oliveira (2005) percebe-se que nas famílias de classe social baixa as crianças frequentam a escola em um período e no outro trabalham para ajudar em casa, ou seja, brincam por períodos curtos e com brinquedos improvisados. Já nas classes médias os pais trabalham para colocar os filhos em escolas particulares, compram inúmeros brinquedos e roupas e no período que não estão na escola, normalmente estão fazendo cursos de aperfeiçoamento ou tendo acesso direto às novas tecnologias. Estes aspectos variam de acordo com a realidade sócio-cultural de cada família. No entanto, quando o interesse da classe média pelas pré-escolas, foi sendo compartilhado com a classe baixa, começaram a surgir reivindicações e discussões de estudiosos e pesquisadores, sobre o caráter assistencialista e compensatório que caracterizavam a Educação infantil, destinada a crianças menos favorecidas economicamente.

No início da década de 80, técnicos e professores questionavam a privação cultural na pré-escola, afirmando que estavam apenas tornando-os marginalizados mais precocemente, através da discriminação. Então na década de 90 acontece a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que concretizou as conquistas dos direitos das crianças promulgados pela Constituição Federal de 1988. A Coordenadoria de Educação Infantil (COEDI) também teve importante papel na busca de uma educação de qualidade para as creches e pré-escolas. Esses fatos,

[...] prepararam o ambiente para a aprovação da nova LDB, Lei 9.394/96, que estabelece a educação infantil como etapa inicial da educação básica, conquista histórica que tira as crianças pequenas pobres de seu confinamento em instituições vinculadas a órgãos de assistência social. [...] Amplia o conceito de educação básica, que passa a abranger a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. (OLIVEIRA, 2005, p. 117)

Trata-se de uma nova concepção de Educação Infantil, aumentando assim, as responsabilidades das unidades escolares e expandindo o conceito de educação que passa a estar vinculado com o mundo do trabalho, mas principalmente com a convivência social, familiar e o lazer.

### 3 FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) vale ressaltar que a instituição de Educação Infantil é modificada a partir da história que a constitui, de acordo com seu tempo e espaço. Ela surgiu historicamente marcada por mudanças significativas na sociedade, que contribuíram para a reversão das concepções padronizadas e exclusivas, presentes nas concepções iniciais sobre o atendimento a infância.

A proposta atual de Educação Infantil considera a criança de 0 a 6 anos um ser em constante modificação, com características, necessidades e culturas singulares. Vale lembrar que o primeiro documento, que legitima este atendimento enquanto direito da criança, é a Constituição Federal de 1988. A partir deste direito proclamado surgem documentos relacionados à criança e seu atendimento, buscando melhor valorizá-la. Em 1996, foi promulgada a nova LDB Lei. 9.394/96 aliando a Educação Infantil ao sistema educacional como um todo. De acordo com,

[...] definindo-a como primeira etapa da educação-básica (art.21/I) e que, tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (art.29) (CRAIDY; KAERCHER, 2008, p.24)

Estas definições estabelecidas na LDB e nos Parâmetros Nacionais Curriculares fazem com que a Educação Infantil passe a ter um caráter educacional, não apenas assistencialista, mas educativo com o objetivo de propiciar o desenvolvimento integral da criança nesta faixa etária como um todo, nos seus aspectos físicos, sociais e cognitivos. Trata-se de uma responsabilidade da família, da comunidade e do poder público de forma integrada. No entanto, para que isso seja possível, é necessário que os cidadãos e principalmente os educadores lutem pela efetivação desta prática, exigindo seus direitos e fiscalizando a adequação do espaço físico das instituições, dos materiais pedagógicos utilizados, buscando a maior qualificação dos profissionais atuantes nesta área, como também, a diversificação das metodologias utilizadas, a fim de articular o cuidar e o educar.

O cuidar e o educar são funções indissociáveis na Educação Infantil, eles devem caminhar juntos. Na prática das creches e pré-escolas, muitas vezes ainda permanece a visão de que o cuidar está relacionado ao assistencialismo já definido

anteriormente, e o educar à imposição de regras e ao repasse de conhecimentos baseados no Ensino Fundamental. Cerisara (2002, p.11) discute as implicações dessas duas tendências na Educação Infantil ao afirmar que “nessa dicotomização, as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação e sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, estas sim entendidas como sérias e merecedoras de atenção e valor”.

Porém, o real significado dessas duas funções vai além destas definições e práticas. Os momentos de alimentação, sono, higiene são essenciais para o desenvolvimento infantil, bem como a criação de vínculos entre criança e educador. Este precisa demonstrar interesse pelos sentimentos e vontades das crianças para que elas sintam-se seguras e capazes de evoluir. A criança é um ser que se desenvolve de forma integral, ou seja, em todos os seus aspectos, o tempo inteiro e exige a mediação do educador para realização de determinadas tarefas, possibilitando a ampliação de seus conhecimentos. Sendo assim,

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades sócio-culturais. (BRASIL, 1998, p. 25).

No dia-a-dia da instituição de Educação Infantil o educador precisa estar atento aos sinais das crianças, para perceber o que elas já sabem e o que desejam aprender. Na realização das tarefas diárias ele é um mediador e deve incentivar a criança a tomar iniciativas, desempenhando funções as quais é capaz de realizar, variando de acordo com sua faixa etária, para que aos poucos torne-se mais independente e autônoma.

Segundo Kramer (2002) uma proposta pedagógica para a Educação Infantil deve estar alicerçada em um ambiente que propicie a exploração de materiais diversificados, a interação do grupo e situações de aprendizagens que possibilitem a ampliação dos conhecimentos e repertório cultural das crianças. Para isso é necessário deixar de lado a concepção de educação puramente assistencialista e compensatória em que prioriza apenas o treinamento e preparação

para o ensino fundamental.

Portanto, “há possibilidade de mudanças na estrutura espaço-temporal das instituições de educação, de modo a se tornarem espaços que favoreçam o processo de desenvolvimento e a formação das crianças, respeitando-as como sujeitos de direitos” (PINTO, 2003, p. 59). Elas necessitam de espaços e tempos que garantam o seu desenvolvimento e potencialização das diversas dimensões humanas. Por isso, as instituições educacionais e os profissionais que nela atuam precisam possibilitar espaços de brincadeiras, momentos de conversas e expressão de idéias e sentimentos, pois o que nos constitui humanos são as interações e relações sociais.

### **3.1 Eixos norteadores da Educação Infantil**

A Educação infantil, segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina é organizada por eixos norteadores do cotidiano, são eles: Múltiplas linguagens, brincadeiras, interações e organização espaço temporal. O espaço deve então ser múltiplo e ao mesmo tempo possibilitar ambientes de vivências individuais, deve conter os elementos que nos constituem enquanto seres humanos que sentem pelo cheiro, pelo toque, pelo gosto, pelo olhar e pela audição. (SANTA CATARINA, 2005)

Espaços para infâncias são espaços que as traduzem, mas também modificam-nas, as acolhem em um momento e em outro as libertam para criar, recriar e manifestar sua cultura. Estes precisam ser espaços/crianças, sendo ambientes que possibilitem as relações, a expressão das múltiplas formas de linguagem e a vivência livre de seu imaginário, tanto pelos profissionais quanto pelas crianças, no interior da creche e da pré-escola.

A Proposta Curricular continua afirmando que as brincadeiras também são momentos indispensáveis nesta etapa, estas são atividades que combinam com a lógica do prazer, do lazer e do divertimento. Introduzir a brincadeira na Educação Infantil é introduzir a lógica, a dinâmica da criança e o espaço/tempo influenciam nestes momentos. As brincadeiras são variadas, dependem das competências, da forma como são conduzidas, do desenvolvimento da criança e das culturas envolvidas. Sabe-se que as crianças vivenciam e têm culturas diferentes, portanto, é importante considerá-las, respeitando-as e por se tratar de características individuais

que cada uma delas trazem para o ambiente escolar, refletem também em suas brincadeiras interativas.

De acordo com Wajskop (1999 Apud SANTA CATARINA, 2005, p. 53), “[...] a brincadeira não é espontânea nem natural na infância, mas resultado de aprendizagem, dependendo de uma ação educacional voltada para o sujeito social criança”.

Brincando a criança não apenas se diverte, mas cria e interpreta o mundo em que vive, relacionando-se com ele. E este também é um momento de desenvolvimento da linguagem oral e gestual, pois quando ela fala, chora, sorri e se movimenta, tentando expressar algo, está utilizando linguagens. Nesta comunicação, “a criança faz uso de diferentes formas de linguagem compreendendo desde gestos, balbucios, expressões até a linguagem plástica, visual, escrita, corporal, musical, ou seja, a utilização das múltiplas linguagens”. (SANTA CATARINA, 1998, p. 30)

Quando se trata das diversas formas de linguagem presentes na Educação Infantil, percebe-se que assumem funções comunicativas ou representativas, podendo ser propostas pelo educador como meio de enfrentar novos desafios ou incentivando aprendizagens já iniciadas.

A linguagem evidencia-se em todos os momentos, é medida pela comunicação entre adultos e crianças. Nas diversas situações do cotidiano é importante as crianças manifestarem suas opiniões, ouvirem o outro, descreverem fatos, darem recados, relatarem acontecimentos históricos, passeios, brincadeiras, ouvirem e contarem fábulas, trava línguas, adivinhações, quadrinhas, para-lendas, contos, produzir e comparar escritas.(SANTA CATARINA, 1998. p. 30).

Os autores da Proposta Curricular seguem afirmando que o educador deve estar em permanente estado de observação e vigilância para que não transforme as ações em rotinas mecanizadas, guiadas por regras pré-determinadas e sem significado para as crianças. Durante as interações do dia-a-dia, elas constroem conhecimentos e formam sua identidade, podendo ser positivas ou negativas. O comportamento cotidiano das crianças influencia os outros, fazendo com que tenham atitudes semelhantes e realizem novas aprendizagens baseadas em condutas e linguagens presentes ao seu redor. Portanto, quando uma criança exclui um colega ou bate nele é preciso que esta situação seja bem dialogada para que não sirva de exemplo aos demais. O mesmo acontece quando uma criança é

carinhosa com a professora, isto pode motivar as demais, de forma que consigam manifestar também seus sentimentos.

As interações também de acordo com Proposta Curricular de Santa Catarina, estão presentes em todas as atividades da rotina diária da Educação Infantil e cabe ao educador organizar e mediar estas interações, possibilitando trocas significativas, para que a criança consiga estabelecer uma relação de aprendizagem. É preciso levar em consideração os desejos e necessidades que a criança expressa, valorizando suas conquistas e avanços diários, ao mesmo tempo, oportunizando desafios e ajudando a superar suas limitações. Essa interação é necessária para que seja possível conhecê-la melhor e pensar formas de intervenção, que contribuam significativamente com seu desenvolvimento e ampliação de conhecimentos.

Entre as várias formas de as crianças manifestarem-se, comunicarem-se e interagirem socialmente encontram-se a escrita e a leitura, cujos processos estão principalmente sob a responsabilidade da educação escolar. Cabe à Educação Infantil contribuir para o desenvolvimento desses processos?



## 4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando falamos em alfabetização e letramento, devemos ter a clareza que apesar de serem processos distintos, os dois caminham juntos. Logo, não se trata de uma escolha entre um ou outro e, sim, da prática conjunta destes dois processos.

Não são considerados também processos seqüenciais, isto é, o letramento não é uma preparação para a alfabetização ou vice-versa. De acordo com Soares (2003) a alfabetização é o processo de aquisição do código escrito, codificação e decodificação. Já o letramento tem um sentido mais amplo, sendo a capacidade que o educando desenvolve de ler e compreender o que lê, fazendo uso de sua função social. Ambos devem estar interligados entre si.

No entanto, as crianças podem ser consideradas letradas antes mesmo de aprenderem a ler e escrever convencionalmente. Considerando o significado do letramento voltado à oralidade, a partir do momento que a criança começa a se expressar e ter contado com a leitura e a escrita de forma significativa já está sendo inserida no mundo letrado. Segundo Kleiman (1995, p.18) “as crianças são letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letradas antes mesmo de serem alfabetizadas” e essas práticas estão presentes no cotidiano das crianças, nos momentos em que conseguem interpretar a fala dos adultos e relaciona-las as suas vivências. Porém, a alfabetização também só faz sentido num contexto de uso real, por isso deve estar aliada ao letramento.

A escrita foi uma invenção social, um processo lento de mudanças e transformações, que se originaram em determinadas épocas e contextos culturais em função da necessidade de comunicação e de troca de conhecimento entre os homens. Com a evolução histórica e cultural das sociedades, a escrita também foi evoluindo, ao longo de milhares de anos, passando das formas mais primitivas de desenhos até chegar à forma alfabética que conhecemos atualmente. De acordo com Cagliari (1998, p. 108):

O caminho que a criança percorre na alfabetização é muito semelhante ao processo de transformação pelo qual a escrita passou desde sua invenção. Assim como os povos antigos, as crianças usam o desenho como forma de representação gráfica e são capazes de contar uma história longa como significação de alguns traços por elas desenhados [...]. Elas também

podem utilizar “marquinhos”, individuais ou estabelecidas por um consenso de grupo, pra representar aquilo que ainda não sabem escrever com letras.

Portanto, a criança é capaz de ler o mundo ao seu redor desde cedo, interagindo com símbolos e imagens, aos quais atribui significados, utilizando-os como forma de representação de suas idéias, tanto oral como graficamente, mesmo que esta não seja feita de forma convencional.

Segundo Cagliari (1998), tradicionalmente são utilizados diversos métodos para se chegar à alfabetização, conhecidos como sintéticos, analíticos, mistos ou ecléticos. Os mais utilizados são os sintéticos compostos pelo alfabético e o silábico, que ocupam papel principal nas escolas. No primeiro se ensina o nome das letras nas formas maiúsculas e minúsculas, o som que produzem e em seguida a seqüência do alfabeto, fazendo então a combinação das letras entre si formando sílabas, palavras e frases. O segundo método citado é aquele que ensina a criança a decorar as famílias silábicas, para depois juntá-las até chegar a formar palavras independentes de contextos de uso. Por sua vez, os métodos analíticos possibilitam a apropriação do todo para as partes, utilizando a decomposição de textos e frases em grafemas e fonemas. Apesar de tentarem situar a alfabetização com unidades de sentido, os textos normalmente utilizados são curtos e artificiais, enfatizando também a memorização. Porém, é importante se ter consciência de que

O trabalho de sala de aula não-voltado para a construção de sentido revela conceitos falsos de escrita, de texto e de leitura que levam crianças que não tiveram oportunidade de perceber a escrita como significativa no período pré-escolar à construção de conceitos também falsos. O texto é visto por elas como um conjunto de “palavras” cujo significado não interessa, a leitura é vista como a decodificação dessas ‘palavras’ [...] (KLEIMAN, 1995, p. 104)

Com o uso desses métodos apenas se chega à alfabetização da criança, deixando de lado o letramento, pois são descontextualizados e sem significado para o aprendiz. Não possibilitam a criança compreender o que está aprendendo, ou melhor, para que está aprendendo e como vai usar essas letras e palavras, sem sentido e significado para o seu cotidiano. De acordo com Feil (1985) quando o ensino é fragmentado não possibilita o desenvolvimento da inteligência, fazendo com que se torne uma aprendizagem passiva e isolada, e as vezes, provocando o desinteresse da criança pela escola. Todavia, quando a alfabetização une-se ao letramento,

A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento. Assim, a leitura não pode ser só decifração; deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito, seu conteúdo semântico e pragmático completo. Por isso é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras, palavras, etc), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no seu universo cultural, social, histórico, etc. (CAGLIARI, 1998, p. 105)

O uso da palavra letramento tornou-se necessário para que fosse possível perceber e superar as metodologias mecanizadas e estreitar os laços entre a teoria e prática. Só assim a criança será capaz de compreender qual a função social da leitura e da escrita, aprendendo a interpretar o mundo letrado e, em decorrência, a realidade em que está inserida.

Para se atingir este objetivo é necessário buscar materiais diversificados que também sejam do interesse dos alunos. Textos que estão presentes em seu dia a dia como: receitas de cozinha, convites, listas de compras, textos de propagandas e também narrativas de histórias, poemas, etc. O importante é mostrar os diferentes gêneros textuais e compreender para que serve cada um deles em determinado momento. O letramento se faz de acordo com as oportunidades de ouvir a leitura de textos reais, participando de situações nas quais são utilizados e refletindo sobre seu uso e sobre o funcionamento da linguagem escrita. Carvalho (2005, p.69)

Para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz, etc. Assim a escrita passa a ter função social.

De acordo com Carvalho (2005), sem o letramento não se pode cobrar do indivíduo que saiba escrever bem ou que consiga fazer uma leitura aprimorada do mundo ao seu redor, pois aprendeu apenas a reproduzir e não a criar, e o que é pior, sem compreender porque faz isso. Com base nesses princípios, o ensino e a aprendizagem tornam-se sem sentido e significado, para a vida.

Sabe-se que a linguagem não é homogênea, há variedades de fala, de acordo com o contexto no qual se está inserido, implicando em saber o que se pode ou não falar nas aulas, de acordo com determinadas situações e seguindo formalidades.

Pode-se assim dizer que o indivíduo letrado é aquele que interage com

diversos tipos de leitura e de escrita, nas diversas situações em que se encontra, utilizando-as como meio de interagir socialmente. Ele lê por prazer, por lazer, para informar-se, seguir instruções, orientar-se no mundo, apropriando-se da leitura e da escrita como formas de comunicação, de conhecimento e aprendizagem que facilitam sua vida, no sentido de melhor compreendê-las com seus significados sócio-culturais.

Quando a criança começa a freqüentar a Educação Infantil, traz consigo certos conhecimentos de mundo, produzidos no contato com a família, com os amigos e com a sociedade. A partir disto é que novos conhecimentos serão apropriados por meio de atividades, interações e brincadeiras organizadas, de modo que possibilitem ampliar sua linguagem oral e escrita.

Só é possível conseguir ler antes de uma aprendizagem convencional, se as situações de aprendizagens forem organizadas, dando algum suporte à criança, para que, relacionando os novos conceitos aos seus conhecimentos prévios consiga elaborar hipóteses. Envolvida assim em ambientes interativos, a criança consegue perceber

[...] o mundo e as diversas formas de representação do real que as rodeiam muito antes de um aprendizado sistemático da leitura e da escrita. Isto é facilmente percebido em suas tentativas de compreender os diferentes textos que se encontram ao seu redor (livros, embalagens, comerciais, cartazes de rua, anúncios de televisão...); é um mundo cheio de cor, de ação e de símbolos impregnados de significados. (LAFFIN, 1996, p. 75)

Entende-se então que as crianças se alfabetizam à medida que são convidadas a escrever e a ler, possibilitando-lhes o contato com a escrita por meio de texto, livros, brincadeiras e outros instrumentos que lhes são significativos. Inicialmente, elas fingem ler e escrever e querem produzir bilhetes para as pessoas que gostam mesmo quando ainda não conseguem fazê-los convencionalmente, mas ouvem histórias, percebem a escrita em placas, em alimentos e remédios. A interação delas com estas situações letradas oportunizam-lhe compreenderem que vivem rodeadas de material escrito e que este material tem uma função social.

Partindo dessa prática acredita-se que a alfabetização pode ocorrer ou não, mas como um processo de construção que vai variar de acordo com a maturidade e interesse de cada criança, bem como, de acordo com meio sócio-cultural em que vive e interage no seu dia a dia. O importante mesmo, é que elas

consigam compreender o mundo a sua volta, expressando-se seja por meio de desenhos ou pela escrita convencional. A criança percorre muitos caminhos até descobrir o princípio alfabético.

Normalmente passa por algumas dificuldades até compreender que a escrita representa a fala e não as características do objeto. Nesse processo, uma de suas primeiras hipóteses é a de que coisas grandes têm nomes grandes e coisas pequenas têm nomes pequenos e assim por diante. Esse processo complexo e gradativo de ela aprender a ler e escrever significativamente, já foi tema de muitas pesquisas e discussões educacionais. Dentre esses estudiosos, nas últimas décadas destacaram-se as pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky cujos trabalhos tiveram uma grande influência na educação escolar.

#### **4.1 Estágios da evolução da Escrita, segundo Ferreiro e Teberosky.**

Baseando-se na concepção construtivista de aprendizagem, Ferreiro e Teberosky (1985) explicam que as crianças atravessam estágios de evolução até se apropriarem da escrita convencional e estão divididos entre: pré-silábico, silábico, a transição de silábico-alfabético e o alfabético. No período pré-silábico, apesar de haver uma relação com a linguagem, a criança ainda não tem noção de que a escrita representa a fala e produz linhas onduladas e traços desordenados. Quando chega ao silábico ela apresenta conflitos com relação à quantidade de letras e os sons das mesmas, porém já começa a compreender que escrita tem relação com a fala, mesmo escrevendo uma letra correspondente a cada sílaba e não sendo necessariamente as letras da sílaba que se refere.

No decorrer da aprendizagem os conflitos “vão desestabilizando progressivamente a hipótese silábica, até que a criança tem coragem suficiente para se comprometer em um novo processo de construção.” (FERREIRO, 1985, p.75); Chegando ao período silábico-alfabético onde oscilam características dos dois níveis citados, a criança consegue analisar melhor as sílabas, mas ainda não atribui a elas a quantidade correta de letras. Após a superação destas barreiras chega-se ao nível alfabético, onde Ferreiro e Teberosky (1985, p. 84) nos dizem que:

[...] ao chegar a este nível, a criança [...] compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever.

Isso não quer dizer que estão totalmente livres de outras dificuldades na escrita. Quando percebemos que a aprendizagem ocorre diante de um esforço do aprendiz em dar sentido à informação disponível, entende-se que ele está sujeito ao erro e, isto é essencial para o seu avanço, bastante diferente da situação de estar preparado para receber passivamente aquilo que lhe é imposto como correto e imutável.

Cagliari (1999, p. 121) diz que:

A maioria das escolas não permite que a criança faça o seu aprendizado da escrita como fez o da fala. Ela não tem liberdade para tentar, perguntar, errar, comparar, corrigir; tudo deve ser feito “certinho” desde o primeiro dia de aula [...]. É importante deixar que as crianças experimentem como escrever as letras; dar tempo para que isso aconteça.

As representações que as crianças criam são significativamente importantes nos processos de letramento na Educação Infantil, onde o foco está na interpretação do mundo ao seu redor e no desenvolvimento da linguagem como expressão de idéias para a formação crítica do sujeito. Essa etapa da educação precisa da mediação necessária para desafiar e ao mesmo tempo, garantir à criança a possibilidade de criar, imaginar e interpretar a própria cultura e expressar-se, utilizando várias formas de comunicação e interagindo no grupo de maneira significativa.

Na teoria de Vygotsky (1993) encontram-se elementos esclarecedores das idéias dessas autoras, defendendo que a escrita é apropriada pelo ser humano através de mediações, sendo que quanto mais interações com outras pessoas em relação à escrita e seus formatos a criança tiver, mais concepções diferentes a respeito deste sistema ela irá elaborar. E durante este processo é importante

[...] que ela descubra que a língua escrita é um sistema de signos que não tem significado em si. Os signos nos representam outra realidade; isto é, o que se escreve tem uma função instrumental, funciona como um suporte para a memória e a transmissão de idéias e conceitos. (OLIVEIRA, 1993, p. 68)

Com o crescimento as crianças vão percebendo que a escrita e os instrumentos utilizados para escrever são diferentes e cada um tem um significado de acordo com a mensagem que se quer passar, a interpretação destes “signos” varia de acordo com seu contexto sócio-cultural. Vygotsky entende que o aprendizado da escrita é um processo complexo e que inicia “muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras.” (VYGOSTKY, L.S., et al. 1988 p.143).

Para ele as diversas atividades de desenho, as brincadeiras, interações e gestos contribuem para o desenvolvimento das representações simbólicas e das diversas linguagens. O professor precisa agir no nível de desenvolvimento proximal da criança, para que a partir do nível real, tendo em vista seu nível potencial consiga avançar em seus conhecimentos. Segundo sua teoria “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.” E assim ela vai se desenvolvendo em busca de sua autonomia de acordo com suas aprendizagens e desafios propostos pelo mediador ou pelos mediadores. Nesse caso, pode-se perceber a importância de a instituição de Educação Infantil manter uma boa interação com as famílias das crianças. São pessoas diretamente envolvidas no processo do desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos.

## 5 A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA

A relação estabelecida pelos pais com a escola e com os educadores é de suma importância para o desenvolvimento do educando e para a realização de um trabalho educativo de qualidade. Estas relações acontecem de diversas formas, podendo interferir de forma tanto positiva quanto negativa, no processo de aprendizagem ou desenvolvimento infantil. De acordo com Paniagua (2007, p. 211),

Inúmeros educadores e professores, muito competentes com as crianças, sentem as relações com os pais como um aspecto conflituoso. Há inclusive os que consideram que essa faceta é algo secundário e que seu trabalho consiste em educar crianças, não em trabalhar com adultos.

Considerar a relação com os pais da criança algo prejudicial ou desnecessário, pode-se dizer que é um equívoco por parte dos professores ou da escola, pois a educação e bem estar das crianças é de responsabilidade de ambos, mesmos que possuam objetivos e convivam em ambientes diferenciados. É fundamental que o professor conheça a história da criança, assim como seus hábitos e características para que consiga compreender melhor, suas atitudes e necessidades. O diálogo com os pais é uma possibilidade de melhor concretizar a educação necessária ao pleno desenvolvimento infantil.

Levar em conta a diversidade de estruturas e composições familiares é fundamental no trabalho educativo, tanto no tratamento equânime e sem preconceitos às diferentes famílias quanto no trabalho com as crianças, em particular no que diz respeito a conteúdos relacionados à casa, à família e à vida familiar. (PANIAGUA, 2007. p. 212).

São diversos os aspectos que tornam importante o estreitamento dos laços necessários entre família e escola. A participação dos pais no cotidiano escolar, além de contribuir na aprendizagem da criança também faz com que este ambiente seja valorizado por todos. A troca de informações gera conhecimentos enriquecedores para ambas as partes.

Portanto, torna-se essencial que os pais tenham conhecimento da proposta pedagógica que fundamenta o trabalho educativo, das metodologias utilizadas pela professora e estejam sempre informados sobre o que acontece com seu filho na escola. Nesse sentido, participarem da vida escolar de seus filhos não



significa apenas estarem envolvidos em festas, eventos e reuniões, mas também estarem acompanhando os acontecimentos diários, as atividades desenvolvidas e os objetivos a serem alcançados, no processo ensino-aprendizagem oferecido pela escola. Sendo assim, vale ressaltar o quanto é importante a escola: “[...] cuidar especialmente do acolhimento, assegurando-se de que as informações prestadas a todas as famílias sobre as propostas educativas e o funcionamento da escola estão sendo de fato compreendidas. (PANIAGUA, 2007, p. 214).

Sabe-se que os eventos escolares, quando bem organizados, também são oportunidades de socializar informações entre as famílias de diferentes culturas, ampliando assim seus repertórios culturais, pois a amplitude de culturas existentes em nossa sociedade, permite que as famílias formem estruturas com bases e costumes diferentes.

Quando os pais levam seus filhos para a escola infantil, criam expectativas sobre os professores e sobre o que a criança virá a aprender em determinado momento. Esses conceitos também variam de acordo com a cultura e com os conhecimentos prévios dos pais e da criança, adquiridos no seu âmbito familiar.

Com base em sua experiência e em suas lembranças, as famílias costumam imaginar que serão trabalhados fundamentalmente conteúdos de tipo escolar, como leitura e escrita e cálculo. Talvez tendam a pensar que outro tipo de atividade é mera perda de tempo. (PANIAGUA, 2007, p.220).

Alguns conteúdos e metodologias de alfabetização foram enraizados historicamente em nossa sociedade, portando a maioria dos adultos de hoje foram alfabetizados com base em concepções tradicionais de ensino. E como citado anteriormente, essas aprendizagens refletem nas expectativas dos pais em relação ao que a escola de seus filhos poderá oferecer-lhes ou oportunizar como aprendizado para seu desenvolvimento. Tendo como referência a vida escolar que tiveram, muitos poderão pensar que a criança só está aprendendo algo significativo quando está sendo alfabetizada, sem considerar de que forma isso está acontecendo e quais as verdadeiras implicações para um desenvolvimento integral de qualidade.

Conforme Paniagua (2007, p. 220) “[...] cada professor também têm expectativas mais ou menos amplas, otimistas ou pessimistas, sobre as famílias.” Os

professores também formam conceitos perante aos pais, esperando deles a participação e colaboração na vida escolar do filho de forma ativa ou passiva.

Portanto, a relação dos pais e professores é de suma importância para melhorar a conduta de ambos, fortalecendo expectativas semelhantes e produtivas em relação ao aprendizado da criança. Esse relacionamento entre escola e pais, quando interativo e participativo, proporciona a formação de atitudes semelhantes diante das crianças e estas por sua vez sentem-se mais seguras em relação aos adultos que lhe servem como referência.

Muitas vezes sabe-se que essa não é a realidade de todas as escolas, mas quando se trata de Educação Infantil, essa relação precisa ser a mais estreita e harmoniosa possível, com base na troca de informações na valorização dos saberes mútuos e no respeito às diferenças e ao papel de cada um.

## 6 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, ou seja, analisa de forma geral as idéias dos envolvidos. Pode-se dizer que,

A pesquisa qualitativa trabalha com o subjetivo, com a descrição, com a compreensão. Possibilita narrativas ricas e interpretações individuais...É organicista, pois o todo é mais do que as partes. Os elementos básicos da análise são palavras e idéias. Desenvolve a teoria. (SOUZA;SOUZA, 2006)

Para compreender qual é a função da educação infantil na visão dos pais e professores, com relação ao que deve ser trabalhado com as crianças da faixa etária de 4 e 5 anos, analisando o que como ocorre nesta etapa o processo de alfabetização e letramento.

Utilizaram-se princípios da pesquisa de campo exploratório-descritiva buscando tornar o problema mais claro e possibilitar a formulação de hipóteses. Segundo Gil (1991, p. 45), geralmente na pesquisa exploratória o pesquisador trabalha com o “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão.”

Quanto ao levantamento bibliográfico foram utilizados livros, materiais já publicados e documentos educacionais de fonte confiável, buscando idéias de autores que discutem a temática em questão como fundamento para análise dos dados. Utilizaram-se também questionários com o objetivo de descrever características do grupo pesquisado e suas relações, analisadas de acordo com o referencial teórico, visando encontrar possibilidades de mudanças.

Portanto, a pesquisa foi realizada em duas turmas de pré-escolar, sendo uma da rede de ensino privada e uma da rede municipal. A escolha das professoras e das mães questionadas, ocorreu de acordo com suas referências no município e a disponibilidade das mesmas. Foram pesquisadas no total quatro mães e duas professoras destas turmas, tendo como objetivo coletar informações e analisar concepções de práticas a cerca da problemática que envolve o processo de alfabetizar e letrar.

Nessa perspectiva, utilizaram-se como instrumentos de pesquisa questionários e levantamento de depoimentos. Foi registrada, por meio de

gravações a fala das mães e professoras com relação à questão chave do problema, para as mães foi perguntado: Você acredita ser significativo seu filho (filha) ser alfabetizado neste ano? O que é importante ele aprender na escola neste momento? E para as professoras: Na prática como ocorre a alfabetização com letramento? Quais as dificuldades enfrentadas?

Após gravados esses depoimentos foram transcritos para poderem melhor ser analisados. Os nomes dos envolvidos foram preservados, sendo usado pseudônimos: M (professora da rede municipal), P (professora da rede privada), M1(primeira mãe da rede municipal), M2 (segunda mãe da rede municipal), P1(primeira mãe da rede privada) e P2 (segunda mãe da rede privada).

Os questionários das professoras continham dez perguntas, buscando responder a problemática em questão, sendo uma objetiva e relativa à formação e as demais descritivas. Quanto aos questionários dos pais, estes tinham nove questões, onde a primeira também era objetiva e se tratava do perfil familiar e as demais eram descritivas e relacionadas à temática.

Após todos os dados coletados, partimos para a análise das respostas e depoimentos das professoras e mães, percebendo qual a concepção sobre a o ensino aprendizagem na educação infantil para ambos, quais as concepções sobre alfabetização e letramento e suas práticas, assim como as expectativas e relações entre pais e professores relacionadas às aprendizagens das crianças.

## 7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Na análise dos dados, optou-se por apresentar as idéias das professoras e das mães, divididas por categorias de acordo com os focos das questões e dos depoimentos coletados. Procurou-se ter um posicionamento crítico diante das respostas das pesquisadas, com base no referencial teórico.

### 7.1 Alfabetizar e letrar na visão das professoras

Foram distribuídos questionários para duas professoras que atuam em turmas de crianças de 4 anos da Educação Infantil: uma é da rede particular e será denominada de professora P, enquanto que a outra é da rede municipal e será denominada professora M, por uma questão de ética. É importante ressaltar que a primeira respondeu o questionário frente à pesquisadora e a segunda levou para responder em casa.

A professora M é formada em Pedagogia, com especialização em Educação Infantil, Séries Iniciais e Ed. Especial, com 1 ano e 3 meses de experiência, especificamente na Educação Infantil. Já a professora P está cursando Letras e leciona, há seis anos, nesta área e há quatro anos com crianças desta faixa etária. Percebe-se a diferença não só entre a formação, mas também em relação ao tempo de experiência de magistério entre as duas professoras, além de se observar que a primeira tem formação adequada à área em que leciona e pouco tempo de experiência, enquanto a segunda, apesar de uma larga experiência, não tem a formação adequada para atuar na Educação Infantil.

Quando solicitadas a responderem sobre o que é ser criança, assim se manifestaram: “É ser espontâneo, ter curiosidade, é ser pulsante, com muita energia, disposição, alegria e estar sempre em movimento.” (PROFESSORA M) A professora P escreveu que “É ter seu espaço, sabendo viver cada etapa da vida dela. É curtir os momentos desta fase tão importante, que é a infância.” (P)

A professora M demonstrou entender a criança como alguém em constante ação e que busca novidades o tempo inteiro, o que dá a entender que não precisa de estímulos e mediações do professor para se desenvolver, como se suas

ações naturais fossem suficientes para seu desenvolvimento; deixa transparecer uma visão de criança ingênua, a ser “paparicada”. Para a professora P, a criança necessita de espaço para viver o que é próprio de sua idade, considerando ser uma etapa de vida diferenciada das demais.

Outra questão levantada relacionou-se a mudanças ocorridas em suas práticas, neste tempo em que trabalham na Educação Infantil. As duas responderam que as práticas se modificam como se pode perceber na resposta da professora M: “A vida por si só, já é uma verdadeira mudança e com nossas práticas isso também acontece. A mudança ocorrida do ano passado para esse, se deu no aspecto lúdico, nesse início de semestre, as brincadeiras dirigidas, ocorreram com mais frequência e o ensinar se tornou mais prazeroso, sendo ele musical”. Por outro lado, a professora P diz que “Há vários aspectos para trabalhar na educação infantil, é um leque muito grande esta área. Com o tempo vamos adquirindo mais prática, e cada vez mais nos aprimorando.”

Ao analisar as respostas, principalmente a da professora P ficou evidente a questão de que é possível se trabalhar com diversas linguagens na Educação Infantil, explorando as formas de expressão presentes no ser humano (corporal, oral, gestual, etc). Sabe-se que para isso podemos utilizar os jogos, a dramatização, assim como a música. As duas têm conhecimento de que as práticas precisam ser modificadas com o tempo, porém a professora M explicou melhor, exemplificando as mudanças ocorridas. É importante para as crianças nesta faixa etária, proporcionar momentos mais prazerosos no decorrer do processo de aprendizagem, para que melhor se apropriem dos novos conceitos.

Retomando as palavras da professora M quando descreve que a criança é um “ser pulsante, com muita energia, disposição”, cabe ao professor saber aproveitar essas características para um aprendizado mais significativo. Nesse sentido, é bom reforçar que

“A aquisição de diferentes linguagens simbólicas tem a música como uma das formas de as crianças se conhecerem, compreenderem e se expressarem. [...] atividades que contemplem a linguagem musical significa integrar experiências que envolvam a razão e a emoção.” (SANTA CATARINA, 2005, p.59)

As expressões utilizadas pela professora P nos fazem refletir - que tipo de prática interfere em nosso aprimoramento? Práticas simplesmente voltadas para

reprodução ou uma prática reflexiva e interativa? E o tempo a que se refere como fator básico para o aprimoramento da prática é a quantidade de atividades rotineiras, repetitivas ou um processo de reflexão *na e sobre* a prática desenvolvida a cada dia? Nesse sentido, entende-se às diferenças entre as crianças de um ano para outro.

[...] é preciso que os profissionais de educação infantil tenham acesso ao conhecimento produzido na área da educação infantil e da cultura em geral, para repensarem sua prática, se reconstruir enquanto cidadãos e atuarem enquanto sujeitos da produção de conhecimento. (KRAMER apud BRASIL, 1996 p.19).

Sobre a função da Educação Infantil, a professora P afirmou que “é fazer um bom trabalho, interagir junto com as crianças, tendo criatividade, ser capacitada em qualquer objetivo e tentar educar os alunos, de uma forma bem específica. Sabendo desde já seus limites, deveres e direitos.” Observa-se que não respondeu diretamente qual é a função da Educação Infantil, e sim afirmou como acredita ser a prática do professor desta etapa, demonstrando certa confusão quando diz respeito à metodologia a ser utilizada e aos objetivos referentes à Educação Infantil. A professora M demonstrou estar de acordo com o referencial teórico ao escrever que a função da Educação Infantil é “cuidar e educar”, contudo fica a dúvida se esta resposta é realmente dela ou se buscou informações em outros materiais. Demandaria questioná-la também sobre o seu entendimento sobre os termos utilizados: “cuidar e educar”, de quem e para que?

Ao considerarmos que a educação infantil envolve simultaneamente *cuidar e educar*, vamos perceber que esta forma de concebê-la vai ter conseqüências profundas na organização das experiências que ocorrem nas creches e pré-escolas, dando características que vão marcar a identidade como instituições que são diferentes da família, mas também da escola (aquela voltada para a criança de sete anos). (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.17)

Assim, toda instituição de Educação Infantil tem a função de cuidar e educar crianças, com a responsabilidade de proporcionar seu desenvolvimento integral de qualidade, considerando suas necessidades físicas e cognitivas, afetivas e espirituais nas relações diárias.

As professoras pesquisadas também posicionaram-se a respeito de alfabetizar ou não suas crianças e que metodologias deve-se utilizar para isto.

Ambas responderam que não alfabetizam escrevendo suas justificativas:

Eu não alfabetizo, mas eu as pré-alfabetizo. Uso muitas musiquinhas para ensinar os números, letras, cores e também algumas brincadeiras para dar-lhes noção de espaço, sentido, coordenação e utilizo também trabalhos impressos para a conclusão dos mesmos. Utilizo o lúdico entrelaçado com o tradicional. (M)

Quando usado o termo pré-alfabetização fica a impressão de conceber ainda a pré-escola como um período preparatório para alfabetização, em que são realizadas inicialmente atividades de memorização do alfabeto e dos números que apesar da utilização de músicas, não se sabe se o que é ensinado têm significados para as crianças. Também apresenta certa confusão entre o que é lúdico, quando diz que está “entrelaçado com o tradicional”. Já a professora P responde que “Eles não se alfabetizam aos 5 anos. Meu objetivo é fazer com que eles se socializem apenas com o conteúdo adequado para a idade deles.” Demonstra através da sua resposta, compreender que a alfabetização não é função desta etapa, e a importância de desenvolver atividades adequadas à faixa etária da criança, possibilitando sua socialização. Porém, a falta de especificação na escrita da professora de quais são essas atividades adequadas, nos faz refletir se estas realmente são desafiadoras e possibilitam a formação de novos conceitos para o desenvolvimento infantil.

As professoras também opinaram sobre a importância de alfabetizar as crianças na educação infantil. As duas afirmaram que esta é uma função do ensino fundamental, porém a professora M complementa dizendo: “não vejo mal nenhum em pré-alfabetizar crianças, na última fase da Educação Infantil.” Consegue-se perceber que as professoras compreendem que a alfabetização não faz parte do currículo da Educação Infantil, mas voltamos a nos questionar o que significa pré-alfabetizar para a professora M.

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que saber ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e escrita. ( SOARES apud SANTA CATARINA, 2005, p.24)



Diante do questionamento, se o letramento e a alfabetização são processos que ocorrem juntos, algumas divergências foram observadas entre as professoras. De acordo com a professora M:

As crianças muito antes de serem alfabetizadas, ou seja, reconhecerem as letras e seus sons, já são letradas, eles já são leitores do mundo, ou melhor, do seu mundo, reconhecem placas de supermercados, carros de entregas de lojas, etc. Já lêem mesmo sem conhecer os “signos” as marcas em comerciais na TV. Fazem uso de frases conexas para se comunicarem; tem coerência em suas falas. Portanto, o letramento se dá bem antes da alfabetização. São processos distintos, que acabam se complementado mais tarde.

Neste caso, inicialmente gera um equívoco na resposta da professora ao dizer que a alfabetização e o letramento não ocorrem juntos. No decorrer da resposta percebe-se que se refere à oralidade, no sentido da criança já interpretar através da fala, o mundo ao seu redor. Neste sentido, Soares (2003,p.24) esclarece que

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda ‘analfabeta’, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.

Contudo, a resposta da professora M, surge uma certa dúvida quando utiliza a palavra “signo”, não esclarecendo se está se referindo a imagem reconhecida, ao significado ou a interpretação da idéia. Segundo Oliveira (1993,p.30) os signos “[...] são interpretáveis como representação da realidade e podem referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes.”

Já a professora P afirmou que a alfabetização e o letramento acontecem juntos e que “Ao decorrer eles irão se alfabetizar. O processo é um pouco lento, devido à falta de amadurecimento da criança. Mas é importante que conheçam letras, conheçam o nome, etc.” Ao afirmar que no decorrer eles irão se alfabetizarem percebe-se uma contradição em relação à resposta anterior em que ela havia afirmado que eles não se alfabetizam aos 5 anos, em nenhum momento ela explica o processo de letramento e porque ocorre junto com a alfabetização, apenas diz ser importante conhecer as letras e o nome, mas sem esclarecer de que forma e para que serve essa aprendizagem.

Não se pode negar a importância de reconhecer as letras, é uma

aprendizagem necessária, mas é preciso utilizar metodologias que a criança “[...] seja capaz não apenas de identificar as letras do alfabeto, mas também memorizá-las e compreender os seus usos e funções na nossa sociedade.” (CASTANHEIRA et al, 2008, p.19).

A relação dos pais com a escola e suas expectativas, segundo as duas professoras se dá de forma participativa, pois as mães têm uma boa interação com a escola. Quando questionadas sobre a maneira que os pais participam da vida escolar dos filhos, as respostas foram: “Como adotei um caderninho de tarefas, percebo que grande maioria sente prazer em ajudar seus filhos na realização das mesmas.”(M) e, “Usamos uma agenda escolar, um meio onde pais e professores se comunicam dia-a-dia. Mas quando precisa, comunicamos aos pais para conversarmos pessoalmente.” (P)

O contato cotidiano entre a família e o educador é fundamental nos quatro primeiros anos de vida e muito recomendável até os 6 anos, tanto para que a criança comprove que seus adultos de referência se relacionam entre si quanto para potencializar o conhecimento que as mães e pais tem da escola e para que os profissionais obtenham a informação que lhes permita entender a conduta infantil. (PANIAGUA, 2007, p. 224; 225)

Para complementar as informações coletadas na pesquisa, foram gravados depoimentos das professoras, onde elas se posicionaram com relação à como ocorre a alfabetização com o letramento e quais dificuldades enfrentadas na prática. A professora M disse que

Como eu não pratico a alfabetização nesta turma, mas uma pré alfabetização e o letramento já é uma coisa que eles trazem, só da para aproveitar o que eles já conhecem para introduzir nas formas de “signos” para que eles comecem a alfabetização e o letramento que eu entendo como duas coisas distintas, mas que podem se complementarem. Podemos usar o que eles já conhecem de letramento e introduzir os signos pra que se torne mais fácil a alfabetização. Não a alfabetização em si, mas uma pré-alfabetização que é o que eu pratico ali.

Na fala da professora podemos perceber que reafirma as idéias contidas em suas respostas escritas. O entendimento que possui sobre o processo de alfabetização e letramento apresenta-se de forma muito confusa quando ela diz que o letramento é algo que as crianças trazem de casa, parece este ser uma coisa pronta e que está presente apenas no cotidiano familiar, ou na sociedade como se a instituição de educação infantil não participasse deste processo. Continua a afirmar

que são processos distintos e que podem se complementar. Em seu entendimento de que forma isso se daria? Fica a indagação. E mais uma vez o que seria pré-alfabetizar? A interpretação deste termo possibilita várias hipóteses, que exigiriam aprofundar a pesquisa e observar a prática da professora, para melhor compreender o significado de seu depoimento. Sobre as dificuldades enfrentadas, ela relatou que a única dificuldade existente é imaturidade das crianças.

A segunda professora pesquisada se posicionou da seguinte maneira:

Então, o processo aprendizagem na educação infantil é bem amplo, o importante é fazer com que a criança interaja juntamente com o professor, cuja função é deixar que ela se desperte, descobrindo diversas coisas em seu meio. Eu acho que o letramento na educação infantil é bem necessário e importante desde já, para eles. Através disso, eles conseguem realizar atividades, descobrindo no conhecimento escolar e levando-o para o seu cotidiano. Não existem muitas dificuldades, eu acho que o importante é fazer com que a criança descubra e ajudá-la a interagir juntamente com os colegas na salinha, para que ela se socialize bem. (P)

Nesse depoimento, a professora não se refere a alfabetização em nenhum momento, afirma que o letramento é importante mas também não exemplifica o processo. Defende ser o letramento necessário à Educação Infantil, mas reafirma sua concepção de que nesse período o mais importante é a socialização que se deve proporcionar às crianças para que interajam junto ao professor.

[...] a experiência na Educação Infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação. (CRAIDY; KAERCHER, 2009, p.21)

Percebe-se, nesses depoimentos uma contradição com relação as respostas das professoras, enquanto P1 diz que as crianças descobrem os conhecimentos através do letramento na escola e levam para o âmbito familiar, a professora M afirma que este vem de casa. De acordo com o referencial teórico nenhuma das duas respostas está completa, pois o conhecimento cotidiano e o escolar devem complementar-se para que ganhem significados e sentidos pelas crianças. O professor, como mediador deve desafiá-las para que esta formulem hipóteses sobre seus conhecimentos cotidianos em relação a novos conhecimentos de forma contextualizada e significativa.

Na prática da alfabetização e do letramento as duas professoras não demonstraram enfrentar dificuldades, além da questão da maturação, que parece ser um ponto bastante considerado pela professora M1, pois já havia utilizado este conceito várias vezes nas suas respostas ao questionário. Pode-se entender que a questão de não encontrarem dificuldades em relação ao processo de alfabetização com letramento, está relacionada à falta de conhecimento das professoras sobre o significado de alfabetizar e letrar, bem como, das metodologias interativas a serem utilizadas com esse objetivo. Já que não compreendem o processo também não encontram dificuldades, se não o praticam.

## 7.2 Alfabetizar e letrar na visão dos Pais/ Mães ou Responsáveis

Foram distribuídos questionários para quatro mães de crianças que freqüentam as turmas das professoras pesquisadas, mais especificamente duas mães de cada uma. Nesse trabalho por questão de ética, as mães de crianças da rede municipal serão denominadas de M1 e M2, já as da rede particular de ensino de P1 e P2.

	FAMILIARIDADE	IDADE	FORMAÇÃO	RENDA FAMILIAR
<b>M1</b>	Mãe	39	Especialização em Psicopedagogia e saúde coletiva da família	Acima de 4 salários mínimos
<b>M2</b>	Mãe	25	Graduação em Geografia	Até 4 salários mínimos
<b>P1</b>	Mãe	34	Ensino Médio Completo	Até 4 salários mínimos
<b>P2</b>	Mãe	29	Ensino Médio Completo	Até 4 salários mínimos

Uma das questões levantadas referia-se à concepção de criança. Neste sentido as respostas das mães foram diferentes. Iniciando pela rede municipal, segundo M1 ser criança é “Viver plenamente uma etapa de, que envolve imaginação, realidade, frustrações, fragilidade”, e a M2 diz que “significa poder

brincar e se socializar com outras crianças.” A primeira demonstra compreender a infância como uma etapa que tem suas características próprias, em que a criança está descobrindo o mundo e isso envolve vários aspectos. A segunda, quando fala em poder brincar demonstra ser uma etapa sem compromissos e a socialização que ela descreve parece estar ligada apenas à questão da afetividade.

As mães P1 e P2 concordam na idéia de que a criança é um ser natural e puro com liberdade para agir espontaneamente, brincando e fantasiando. Porém a P2 afirma que é preciso “um pouco de responsabilidade, porque é desde criança que começamos a aprender.” Sua resposta complementar a P1, deixa transparecer que é necessário se ter limites e saber conviver em seu meio, respeitando regras e desenvolvendo a autonomia. Esta idéia está relacionada à função de educar, onde o professor como mediador tem o papel de proporcionar as crianças, momentos em que sejam capazes de desempenhar tarefas sozinhas enfatizando a importância de se respeitar a opinião dos colegas nas atividades coletivas e participar de jogos e brincadeiras envolvendo regras. Contudo, esses depoimentos de modo geral, contêm características da concepção de criança como seres inocentes e puros, em consonância com as idéias de Rousseau.

Com relação à função da Educação Infantil, foi possível perceber que as mães acreditam ser uma etapa de iniciação do desenvolvimento da criança, contribuindo na formação humana. As respostas das mães da rede municipal sugerem que esta etapa também possibilite o desenvolvimento das funções cognitivas, inclusive a M2 diz que serve “para que as crianças aprendam várias noções sobre assuntos diferentes.” Portanto, entendem que uma das funções da Educação Infantil é educar. No entanto, as mães da rede particular não se posicionaram sobre a questão pedagógica, apenas sobre o desenvolvimento social, novamente voltado à afetividade. Mesmo que o cuidar e educar estejam presentes nestes aspectos, o educar envolve também o desenvolvimento cognitivo que neste caso não foi considerado.

Na Educação Infantil o educar está relacionado à ampliação dos conhecimentos das crianças, onde estas situações de aprendizagem são mediadas pelo professor, considerando os eixos norteadores desta etapa.

Com referência as expectativas sobre a aprendizagem dos seus filhos neste ano. As mães P1 e P2 disseram esperar que seus filhos aprendam os números e as letras. Diante dessa expectativa, fica a indagação: para elas, como deve acontecer esta

aprendizagem? Será aprender os números e o alfabeto apenas de forma memorizada? Pode-se pensar que elas acreditem ser importante, aprender os números e letras com base no que elas aprenderam em suas pré-escolas. A P1 ainda complementa: “e tudo aquilo que seja de acordo com sua idade,” demonstrando não saber direito o que a criança irá aprender, mas quer que aprenda o que for melhor para sua faixa etária. Nessa perspectiva, a responsabilidade parece ser só da escola e, tudo o que fizer será bom desde que seu filho aprenda algo novo ou diferente. A mãe M2 reforça a idéia já comentada anteriormente: “Eu espero que ele aprenda a ler e a escrever.” Segundo Paniagua (2007) os pais criam muitas expectativas de aprendizagem para seus filhos de acordo com suas experiências e lembranças escolares, que na maioria das vezes foi tecnicista e voltada a alfabetização, apenas como forma de codificar e decodificar.

Já a resposta da mãe M1 se difere das demais, quando afirma: “Espero que desenvolva habilidades que favoreçam um amadurecimento saudável e equilibrado pertinente a sua condição emocional e cognitiva no momento.” Embora o termo amadurecimento reporte a questão da maturação mais voltada para a educação compensatória, implicando na necessidade da prontidão para apropriação de conceitos, esse depoimento possui conotações do verdadeiro sentido de cuidar e educar, quando afirma que esse amadurecimento precisa ser saudável e ligado a questão afetiva, não deixando de lado o desenvolvimento do cognitivo, principalmente quando menciona a questão do desenvolvimento de habilidades, ou seja, o educar. Porém,

Longe de propor a alfabetização das crianças pequenas, podemos assegurar uma entrada bacana das crianças no mundo da escrita, com base na idéia de que leitura e escrita se constroem no processo de inserção, imersão e produção na/da cultura. Essa entrada não se dá pela via do treinamento mecânico, nem por meio de uma suposta prontidão, mas pela garantia de acesso dos profissionais que atuam com as crianças à leitura e escrita e, ainda, pelo delicado trabalho de constituição da subjetividade de adultos e crianças de modo que todos acreditem que podem aprender, que tenham auto-estima positiva propícia ao aprendizado posterior (KRAMER, 2003, p.68).

Sobre as práticas das professoras e suas contribuições no desenvolvimento das crianças, todas as mães demonstram satisfação quanto ao trabalho realizado. Segundo P1 “A Aprendizagem tem ajudado a ter noção das palavras, som e cores”, porém não deixa claro “como” a criança está tendo essas

noções, pode-se pensar que sejam utilizadas metodologias de alfabetização e letramento, como atividades apenas de alfabetização. Já a mãe P2 respondeu dizendo “ensinando com carinho, amor e dedicação, a criança sente e fica mais interessada em aprender.” Não se posicionando sobre as metodologias, apenas valorizando a afetividade da professora. Na rede municipal M1 diz que “dentro do que tenho condições de acompanhar, percebo a preocupação não só pedagógica, mas também com valores que constroem o “ser” humano.” Fica evidente na sua resposta que nem sempre tem condições de acompanhar o cotidiano escolar da filha, e para que se pudesse compreender melhor sobre como a professora trabalha com esses valores na construção do ser humano seria preciso que descrevesse as atividades realizadas. Esta sendo uma das mães mais bem preparadas pedagogicamente considerando sua formação, esperava-se respostas mais consistentes e coerentes com as propostas pedagógicas atuais.

A falta de conhecimento das mães sobre os termos alfabetização e letramento ficou evidente nas respostas, sendo que as da rede particular responderam o seguinte: “Alfabetização é aprender as letras (ler), palavras e escrever corretamente. E o letramento refere-se às letras e não trocar as mesmas. Ex: (m, p/n) acho eu!”(P1) Quanto a alfabetização a resposta esta de acordo com o conceito apresentado no referencial teórico, mesmo demonstrando uma concepção de aprendizagem ainda mecanizada. Mas ao que se refere ao letramento fica evidente a não compreensão de seu significado. A P2 e a M2 apenas disseram que é importante ser alfabetizado, significando aprender a ler e a escrever mas nada falaram sobre o letramento. Contudo, a idéia de “aprender a ler e a escrever” já demonstra um avanço em relação a expressão “aprender letras”. Já a resposta da M1 foi “alfabetização se ocupa da aquisição da escrita e leitura. O letramento focaliza os aspectos sócio-históricos desta aquisição, é o uso social.” Essa resposta está de acordo com os conceitos estabelecidos por Soares (2003) quando diz que alfabetização é a apropriação do código escrito, codificação e decodificação deste e o letramento é o significado social desta aprendizagem. A M2 de forma objetiva disse “alfabetização significa aprender a ler e a escrever”, não respondendo sobre o letramento.

Quanto à criança estar sendo alfabetizada neste ano, três mães responderam que sim e apenas a M1 disse acreditar que não. Essas respostas reafirmam o desconhecimento ou não compreensão dessas mães sobre o que é

estar sendo alfabetizado, pois em respostas anteriores as mães da rede particular disseram esperar que seus filhos aprendessem as letras e números, mas não que seriam alfabetizados. Percebe-se então a valorização da alfabetização ou da aprendizagem do alfabeto como simples código sem significado para a criança, podendo pensar de forma equivocada que durante esta alfabetização as crianças estão construindo uma aprendizagem significativa, ou sendo alfabetizada com letramento.

Sobre a relação da família com a instituição de Educação Infantil, em ambas as redes de ensino, as mães relataram ter uma boa relação com os professores, tendo liberdade para dialogar quando necessário. Contudo, na rede particular as mães relatam que também questionam as professoras sobre a aprendizagem dos filhos e seu comportamento na sala de aula. Ao falarem sobre a participação na vida escolar dos filhos, todas também afirmam estar presentes: as pesquisadas da rede particular disseram participar ajudando nas tarefas e conversando com a criança sobre a aula, já na rede municipal as mães disseram acompanhar as atividades desenvolvidas na escola, considerando que a M2 faz parte do corpo docente da escola. Nesse aspecto mães e professoras foram bastante coerentes em seus depoimentos.



## 8 CONCLUSÃO

A conclusão dessa pesquisa que buscou a compreensão do processo de alfabetização e letramento na Educação Infantil, se faz na constatação que as professoras ainda têm pouco conhecimento sobre alfabetização e principalmente, sobre o termo letramento. Ainda apresentam confusões em relação à aprendizagem da escrita como função social, onde e de que forma devem ocorrer os processos nesta etapa. Quanto ao não surgimento de dificuldades na prática das professoras pesquisadas, pode-se atribuir ao fato de elas não desenvolverem o processo de alfabetização e letramento com suas crianças.

Como não foram feitas observações nessas turmas devido ao pouco tempo para a realização desse trabalho, não se pode confirmar quais as metodologias utilizadas pelas professoras e se estão de acordo com suas concepções. Porém, as respostas do questionário e o depoimento, principalmente de uma das professoras, possibilitam levantar hipóteses que o ensino mecanizado de números e letras esteja ainda presente na prática, considerado como uma preparação para o Ensino Fundamental. Esta visão de educação compensatória foi bastante marcante na pesquisa, tanto com relação às professoras quanto aos pais. As professoras apresentaram poucas argumentações consistentes, ficando bem próximas das respostas dos pais, demonstrando certo despreparo em relação ao tema pesquisado.

De acordo com as expectativas dos pais quanto à aprendizagem das crianças se percebeu de forma geral um desconhecimento da função da escola nessa etapa e, por não saberem o que os filhos devem aprender, demonstram satisfação com qualquer coisa que eles aprendam, desde que seja algo novo. Valorizam a aprendizagem das letras e números, mesmo que descontextualizados, sendo poucos os que citaram a leitura e a escrita como significativas, nesta etapa da educação escolar e em nenhum momento referiram-se ao letramento.

As relações entre escola e família, segundo as pessoas pesquisadas, ocorrem de forma satisfatória e aparentemente harmoniosa nas duas instituições envolvidas.

Para melhor compreender a fala dos sujeitos desta pesquisa, demandariam observações nas turmas e retomada das perguntas esclarecendo

termos utilizados, para um entendimento mais convicto das idéias expressadas.

Assim, por meio dessa pesquisa, espera-se que as educadoras busquem aprofundar seus conhecimentos sobre este tema, de tanta relevância nos dias atuais e o que precisa estar presente nas instituições educacionais, para que se possa formar cidadãos que saibam fazer uso da função social da leitura e da escrita, comunicando-se com a sociedade de forma significativa. Uma das alternativas mais plausíveis para se alcançar estes objetivos é a formação continuada dos profissionais, por meio de cursos e pesquisas que dêem condições para ampliar seus conhecimentos e, conseqüentemente melhorar sua prática. Neste sentido, a formação continuada é uma saída para se fugir do tradicional e buscar alternativas para praticar a alfabetização e o letramento em diversos momentos nas turmas de Educação Infantil, fazendo com que a criança seja capaz de interpretar o mundo desde o início de sua escolarização, avançando nos seus conhecimentos de forma significativa.

## REFERÊNCIAS

- ARIES, Philippe; FLAKSMAN, Dora. **Historia social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 279 p.
- BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol 3. Brasília:1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998. 399p.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 142 p.
- CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.
- CERISARA, Ana Beatriz. O referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 329-348.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel P; MARTINS, Raquel Márcia F. (Orgs.) **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica-CEALE, 2008.
- FEIL, Iselda Terezinha Sausen. **Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo**. 6. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985. 188 p.
- FERREIRO, E. ; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia**. São Paulo: 1991
- KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982. 131 p.
- \_\_\_\_\_. Sônia. **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2002. 110 p.

\_\_\_\_\_. Sônia. LEITE, Maria Isabel F. Pereira (org). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 7. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. 192 p.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. 294 p.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **As vozes de Carolina, José e Daniel...** Guarapuava: Universidade Estadual do Centro – Oeste/ Universidade Estadual de Campinas, 1996. [Dissertação de Mestrado]

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993. 111p.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesus. **Educação infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 256 p.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação** - Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia Diretoria de educação Básica e Profissional. . **Proposta curricular de Santa Catarina: estudos temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005. 192 p.

SANTA CATARINA, Secretaria de educação e do desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SNYDERS, G. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WAJSKOP, Gisela. 1999. **Brincar na pré-escola**. 3.ed. São Paulo: Cortez.

## APÊNDICE



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
CURSO DE PEDAGOGIA – 2010/1  
DISCIPLINA: TCC

Senhores (a) Pais ou Responsáveis,

Para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, preciso de sua colaboração, respondendo o presente questionário.

Sua participação será de grande importância, pois me dará subsídios necessários para a realização dessa pesquisa, que tem como tema “**Alfabetizar e letrar: entre concepções e práticas**”. Os nomes dos entrevistados serão preservados, sendo usado pseudônimos. Sua contribuição me será muito útil, desde já agradeço.

Acadêmica: Diandra Corrêa Ribeiro

### ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DOS PAIS

#### 1- Identificação

a) O que você é da criança: Pai ( ) Mãe( ) ou Responsável ( )

b) Você tem quantos anos? ( )

c) Você estudou: Ensino fundamental incompleto ( ) completo ( )

Ensino Médio incompleto ( ) completo ( )

Graduação incompleta ( ) completa ( )

Especialização ( ) Em que Curso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Mestrado (...) Em que área: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

d) Renda Familiar: Até 2 salários mínimos ( )

Até 4 salários mínimos ( )

Acima de 4 salários mínimos ( )

#### 2- O que é ser criança para você?

---

---

---

---

3- Para você, o que significa Educação Infantil? Qual sua função?

---

---

---

---

4- O que você espera que seu filho (filha) de 5 anos aprenda na escola? Por que?

---

---

---

---

5- Você acredita que a maneira como a professora trabalha, contribui para a aprendizagem de seu filho (filha)? Por que?

---

---

---

---

6- O que você entende por alfabetização? E letramento?

---

---

---

---

7- Seu filho (filha) está sendo alfabetizado?

---

---

---

---

8- Como é relação de vocês, pais, com a escola?

---

---

---

---

9- Você participa no processo de educação escolar do seu filho? De que maneira?

---

---

---

---

### **QUESTÃO DO DEPOIMENTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**

1- Você acredita ser significativo seu filho (filha) ser alfabetizado neste ano? O que é importante ele aprender na escola neste momento?





UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
CURSO DE PEDAGOGIA – 2010/1  
DISCIPLINA: TCC

Prezado (a) Professor (a),

Para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, preciso de sua colaboração, respondendo o presente questionário.

Sua participação será de grande importância, pois me dará os subsídios necessários para a realização dessa pesquisa, que tem como tema “**Alfabetizar e letrar: entre concepções e práticas**”. Informo que serão preservados os nomes dos entrevistados, sendo usado pseudônimos.

Sua contribuição me será muito útil, desde já agradeço.

Acadêmica: Diandra Corrêa Ribeiro

### QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORAS:

1- Nível de formação

a) Você estudou: Ensino Médio ( )      Magistério de 2º grau ( )  
Graduação incompleta .( )      completa ( ) Em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Especialização ( ..) Em que Curso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Mestrado (...) Em que área: \_\_\_\_\_

1- O que é ser criança para você?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2- Há quanto tempo leciona na Educação Infantil?

---

---

---

---

3- Você acredita que sua prática se modificou durante estes anos? Em que aspecto(s)?

---

---

---

---

4- Qual a função da Educação Infantil?

---

---

---

---

5- Você alfabetiza suas crianças? De que forma, ou seja, que metodologia você utiliza?

---

---

---

---

6- Você considera importante alfabetizar na Educação Infantil?

---

---

---

---

7- Para você, Letramento e alfabetização são processos que ocorrem juntos, ou não? Por que?

---

---

---

---

8- Como é a relação dos pais com a escola? De que forma eles participam da vida escolar de seus filhos?

---

---

---

---

9- Qual a expectativa dos pais com relação à aprendizagem das crianças?

---

---

---

---

**QUESTÃO PARA DEPOIMENTO DAS PROFESSORAS:**

1- Na prática como ocorre a alfabetização com letramento? Quais as dificuldades enfrentadas?